



**O BEM E O MAL: A GUERRA SANTA NAS RELAÇÕES
ENTRE RELIGIOSIDADE E POLÍTICA NO MUNDO E EM
MONTES CLAROS-MG**

ALESSANDRO DE ALMEIDA
EDWIRGENS APARECIDA RIBEIRO LOPES DE ALMEIDA

O BEM E O MAL: A GUERRA SANTA NAS RELAÇÕES ENTRE RELIGIOSIDADE E POLÍTICA NO MUNDO E EM MONTES CLAROS-MG

**GOOD AND EVIL: THE SAINT WAR IN THE RELATIONS BETWEEN RELIGIOSITY AND
POLITICS IN THE WORLD NA IN MONTES CLAROS-MG**

ALESSANDRO DE ALMEIDA

Doutor e Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Graduado em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Professor de História Moderna e Contemporânea do Departamento de História da Unimontes. Especialista em temas associados à religiosidade, à política e a produções audiovisuais.

EDWIRGENS APARECIDA RIBEIRO LOPES DE ALMEIDA

Professora do Programa de Pós-graduação em Letras/Mestrado e do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

RESUMO

Intencionamos, neste artigo, discutir as inter-relações político-religiosas e suas influências no cenário político mundial e montesclarenses. Com este intuito, sucintamente, abordaremos os entrecruzamentos dos poderes temporais e espirituais que contribuem para a constituição da figura carismática do líder, da propaganda política e da construção do poder político assentado sobre o imaginário coletivo.

Palavras-chave: Eleições; Propaganda Política; Religiosidade.

ABSTRACT

Our intention in this article is to discuss the interrelations political-religious and its influences in the world political scenery and montesclarenses. With this interest, in a summarizing way, we will approach the connecting between the temporal and spiritual powers that contributes to the constitution of the leader's charismatic illustration, of the political propaganda and of the construction of the political power seated on the collective imaginary.

Keywords: Elections; Political Propaganda; Religiosity.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS; 1 A GUERRA SANTA CONTEMPORÂNEA: CONEXÕES ENTRE O SAGRADO E O POLÍTICO; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As inter-relações entre religiosidade e política têm sido objeto de reflexão constante ao longo da história, marcando profundamente as dinâmicas de poder em diferentes contextos sociais. No cenário contemporâneo, a utilização do imaginário religioso como instrumento político não apenas persiste, mas se complexifica, mobilizando símbolos, narrativas e emoções para a legitimação de lideranças e agendas. Roberto Pompeu de Toledo (2003), em ensaio publicado pela revista *Veja* em 2003, exemplifica como o então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, instrumentalizou o discurso religioso ao posicionar sua nação como representante do "Bem" contra o "Mal" na guerra contra o Iraque. Tal narrativa ilustra a persistência de um fenômeno que, como aponta Bronislaw Baczko (1984), envolve o manejo do imaginário social para angariar capital político e consolidar poder.

Neste artigo, investigamos como a interação entre política e religiosidade constrói líderes carismáticos e molda o imaginário coletivo, tanto no âmbito global quanto em realidades locais, como a cidade de Montes Claros. Partindo das reflexões teóricas de autores como Baczko (1984), Pierre Ansart (1983) e José Murilo de Carvalho (1998), exploramos os entrecruzamentos históricos e contemporâneos que fundamentam essa relação, com especial atenção para o uso de símbolos religiosos e recursos de propaganda política. Em Montes Claros, por exemplo, a narrativa político-religiosa tem sido empregada de forma estratégica, destacando-se em discursos, panfletos, santinhos e até mesmo em campanhas televisivas, para criar vínculos emocionais e mobilizar o eleitorado.

A análise proposta se insere em um esforço mais amplo de compreender como os recursos propagandísticos, associados ao imaginário religioso, funcionam como mecanismos de unificação em sociedades marcadas pelo individualismo contemporâneo. Ao longo do texto, examinamos os impactos dessas práticas na legitimação do poder político e na perpetuação de hierarquias simbólicas, demonstrando que, longe de ser um fenômeno residual, a religiosidade política continua a influenciar de maneira significativa as relações sociais e eleitorais no Brasil e no mundo.



1 A GUERRA SANTA CONTEMPORÂNEA: CONEXÕES ENTRE O SAGRADO E O POLÍTICO

Em um ensaio publicado pela Revista *Veja* em 12 de março de 2003, Roberto Pompeu de Toledo aborda um tema que tem preocupado vários historiadores ocupados com as questões políticas da atualidade, especialmente no que tange à religiosidade utilizada com fins políticos. O ensaísta destaca que, como justificativa para a guerra contra o Iraque, o então presidente norte-americano usou o recurso religioso, denominando-se como representante do “Bem”, contra os iraquianos, representantes do “Mal”. Neste contexto, Toledo (2003) esclarece que o conceito teológico de carisma remete “ao dom extraordinário e divino concedido a um crente ou grupo de crentes”. Portanto, é por meio do artifício político-religioso do carisma que George W. Bush deteve o suficiente apoio dos norte-americanos para a declaração de Guerra contra o Iraque, alegando que os iraquianos (sobretudo Saddam Hussein) eram mulçumanos terroristas e, por isso, uma ameaça ao território norte-americano e à segurança mundial.

Diante desta conjuntura, Roberto Pompeu de Toledo (2003) confirma as mesmas questões que tem suscitado as reflexões de historiadores, filósofos, cientistas políticos e sociais: “Eis o ponto a que chegamos, 200 anos depois do triunfo das Luzes e da afirmação da ideia da separação da Igreja e Estado: a maior das potências embrenha-se por uma senda onde política é religião, e religião é política. Osama bin Laden não acha outra coisa” (Toledo, 2003, p. 114). É nesta “senda” entre os poderes temporais e espirituais, típica de nossa História recente, que enveredamos com nossas investigações empíricas e teóricas.

Bronislaw Baczko (1984) destaca a importância do estudo da imaginação política para o entendimento das relações sociais e dos estudos históricos. Neste contexto, o autor afirma que, para um melhor entendimento do poder político, devemos compreender sua relação com a imaginação. Logo, esta que outrora era ativada apenas para o domínio das artes, é entendida atualmente como fundamental para o estudo da propaganda e da dominação política. Enveredando por esta relação político e imaginário, Baczko (1984) faz um resgate histórico em que entende o sagrado como fundamental para a dominação do imaginário social. Neste contexto, ele esclarece que, desde as primeiras civilizações, para a obtenção do poder político existia “o *savoir-faire*, elaboração e



aprendizagem das práticas e técnicas de manejo dos imaginários sociais” (Baczko, 1984, p. 299) que, juntamente com o próprio imaginário social, confundia-se com os mitos e os ritos. Ou seja, com a manipulação do sagrado era possível a fixidez e a solidificação da sociedade representada por hierarquias, privilégios, submissão, distribuição de propriedade e prestígio. A partir da consolidação do Estado na modernidade, as técnicas de manejo dos imaginários sociais se desritualizaram e ficaram mais autônomas. Este fato deve-se a situações de conflitos entre poderes concorrentes, por exemplo, do papado e da realeza. Acerca da manipulação do imaginário na Idade Moderna, Maquiavel (1993), citado por Baczko (1984), chega a afirmar que “governar é fazer crer” e, neste sentido, expõe que “O Príncipe, rodeando-se de seu próprio prestígio, manipula habilmente toda a espécie de ilusões (símbolos, festas, etc.), podendo desviar em seu proveito as crenças religiosas e impor aos seus súditos o dispositivo simbólico de que retira o prestígio de sua própria imagem” (Baczko, 1984, p. 301).

A partir do advento dos ideais republicanos, a ideia de dominação do imaginário coletivo, por meio da propaganda, enfatiza-se na medida em que “a história do *savoir-faire* no domínio dos imaginários sociais confunde-se em grande parte com a *história da propaganda*” (Baczko, 1984, p. 300). Entendendo como marca da contemporaneidade a Revolução Francesa, o autor expõe que as atividades de técnicas se desenvolvem, chegando a ponto de colocar o imaginário a serviço da razão manipuladora (Baczko, 1984). Neste diapasão, enfatiza que, segundo Rosseau:

Nenhuma relação social e, por maioria de razão, nenhuma instituição política são possíveis sem que o homem prolongue a sua existência através das imagens que tem de si próprio e de outrem. O princípio que leva o homem a agir é o ‘coração’, são suas paixões e os seus desejos. (...) É desse modo que se propõe instalar, no coração da vida coletiva, um imaginário especificamente político, que traduziria os legitimadores do poder justo do povo soberano e dos modelos formadores do cidadão virtuoso (Baczko, 1984, p. 301).

Portanto, nesta retrospectiva histórica feita pelo autor, o que percebemos é que as relações entre política, propaganda e religiosidade interagem historicamente na legitimação do poder político. Além disto, percebe-se que quanto mais adentramos na contemporaneidade os recursos propagandistas evoluem, por meio da utilização de símbolos, discursos, imagens e, por que não, santinhos e horário de propaganda eleitoral gratuita. Logo, é salutar entendermos que atualmente



quanto mais o homem tende ao individualismo – provindo da evolução do capitalismo e suas tecnologias – aumentam as situações conflituosas e paradoxalmente isto contribui para a necessidade de uma unidade ou “comunidade de sentido”. Assim, para que os políticos atinjam o poder sobre esta comunidade, destaca-se o discurso atrelado à religiosidade que funciona como uma representação de caráter global e unificadora que propõe a felicidade e a esperança e enlaça o imaginário social, produzindo o “chefe carismático”.

Pierre Ansart (1981) afirma que nos regimes de democracias pluralistas ocorre por parte da população um distanciamento afetivo em relação ao político, fator que não ocorre nos regimes unitários. Em meio a este afastamento do mundo político longínquo e risível, banalizam-se as insatisfações e as mentiras que passam a ser aceitas como uma questão tipicamente de nível político. Esta indiferença quanto ao político e a ausência das paixões políticas propiciam um alto investimento nas emoções de receptores diferentes. Nesta perspectiva, o autor esclarece que um bom partido deve rastrear as demandas afetivas e sentimentos coletivos em prol de seu sucesso político, além de elencar estratégias de persuasão afetiva que agradem, retenham a atenção, criem sentimentos de cumplicidade, de indignação, de orgulho, além da ilusão de proximidade.

Abordando estas estratégias, Ansart (1981) destaca as eleições contemporâneas em que em meio às incertezas do eleitorado, exasperam-se os meios de persuasão e se negociam as relações de dominação, momento em que se mimetizam os rituais das sociedades tradicionais. Este contexto eletivo somado à incerteza de valores “fundam a intervenção da crença com sua dimensão emocional”. Logo, as eleições são rápidos momentos que relembram as sociedades Antigas e mesmo o Estado Moderno que detinham nos ritos e na religiosidade fatores que fundamentavam as paixões políticas, legitimando o poder político. Refletindo sobre as estratégias eleitorais e de suas evoluções técnicas na contemporaneidade, o autor afirma:

Na tarefa de persuasão dos eventuais eleitores, a manipulação dos meios audiovisuais e da imprensa ilustrada tende a reforçar a importância das reações afetivas e, portanto, a importância de uma boa tecnologia da persuasão afetiva. É preciso persuadir o eleitor da relevância do seu gesto e, para isso, acentuar a dramaturgia política; reanimar os sentimentos de pertença e, para isso, induzir sentimentos de culpa (“cada voto conta”); levar o leitor a preferir o candidato apresentado como o “bom” candidato, digno de ser amado (Ansart, 1981, p. 13).



No Brasil, diversos pesquisadores identificaram situações similares protagonizadas por candidatos a cargos eletivos. Ao analisar sobre as eleições para presidência da República no Brasil no ano de 1989, José Murilo de Carvalho (1998), no artigo do Jornal do Brasil intitulado “Eleição em tempo de Cólera”, publicado na obra *Pontos e Bordados*, enfatiza que, na sociedade brasileira contemporânea, a necessidade de apelo à força do imaginário merece um destaque ainda maior do que no nível mundial. O autor afirma que em meio às multiplicidades de interesses que marcam as eleições, existe em uma sociedade democrática organizada e estável, naturalmente a busca do eleitorado pelo partido ou ao candidato que lhes interesse.

Porém, no Brasil as entidades políticas são desacreditadas, menos nítidas e os agentes políticos são desprezados. Neste contexto – ou seja, em tempo de “cólera”¹ –, os candidatos encontram o campo ideal para nortear sua propaganda muito mais voltadas para o apelo às forças do imaginário do que a propostas concisas de seus respectivos partidos. É assim que a figura do messianismo se destaca – e em meio às cores difratadas do arco-íris ideológico, típico do mundo posterior às Luzes e à Revolução Francesa. Por esta razão, vencerá aquele que

(...) no momento das eleições, melhor encarnar o sentimento de rejeição da população em relação ao governo e às condições de vida. O vencedor será antes fruto do Imaginário do que da Razão. Lamentarão o fato aqueles que temem as incertezas do Imaginário. Não lamentarão aqueles a quem incomoda a pobreza da Razão (Carvalho, 1998, p. 348).

É fato que o vencedor nas eleições de 1989 no Brasil foi Fernando Collor de Mello, candidato do PRN que era, sem dúvida, um partido de pouquíssima expressão. Acerca de Fernando Collor, José Murilo (1998) tece um comentário importante, onde afirma que “não se trata de um Messias, do líder de características religiosas, que vem salvar seu povo. Não há fanáticos de Collor, os que o apoiam são realmente coloridos, isto é, multicores, ou de cores mescladas” (Carvalho, 1998, p. 347). No entendimento do autor, o candidato Collor atinge várias camadas, de “cores” e

¹ Na obra *Pontos e bordados*, em seu artigo intitulado “Eleição em tempo de cólera”, José Murilo de Carvalho entende as eleições de 1989 como um momento da história nacional em que depois de muitos anos, teríamos as eleições diretas para presidente. Porém enfatiza que diferentemente das sociedades tradicionais no Brasil as entidades sociais são menos nítidas, as instituições não têm credibilidade, os políticos são desprezados. Este contexto do cenário nacional, em vias de eleição, é denominado pelo autor como tempo de “colera”.



ideais diversos, muito mais porque ele canaliza a ideia do Herói modernizado pelo cinema – justiceiro, jovem e bonito, estilo *Indiana Jones* – do que pela utilização de recursos religiosos.

Contrariando esta posição, Olga Tavares (1998), na obra *Fernando Collor: o discurso messiânico, o clamor ao sagrado*, acredita que foi sobretudo devido à utilização do sagrado e da religiosidade católica cristã que o candidato obteve o sucesso almejado. Nesta vertente, a autora investiga o Horário de Propaganda Eleitoral Gratuita analisando os discursos do candidato Collor em que o recurso religioso e os argumentos de ordem sagrada foram fundamentais para o sucesso da campanha eleitoral vitoriosa. Fazendo um retrocesso aos 500 anos de nossa história, a autora enfatiza o discurso fundador da Carta de Pero Vaz de Caminha e a atuação da Religião e da expansão da fé cristã como fundamental para a expansão portuguesa, perpassando a tradição religiosa brasileira pelos sermões de Padre Vieira (contribuindo para a catequização e a amenização dos conflitos da escravidão); o catecismo positivista da República desempenhando o papel da “religião civil”; a criação da LEC (Liga Eleitoral Católica) concomitante com a ascensão do Estado Novo e a ascensão política de Collor. Por esse percurso histórico podemos deduzir que é fato corrente que na história nacional existe uma proliferação de recursos propagandísticos apoiados no sagrado (Tavares, 1998). Assim sendo, conjuntamente com a autora, entendemos que explorar o imaginário religioso popular propiciou um tom de verdade aos discursos de Fernando Collor que se sagrou presidente.

Mas não são apenas os que almejam galgar a rampa do Palácio do Planalto os que lançam mão desses recursos. Nas eleições ocorridas no município de Montes Claros no ano de 2002, a utilização do imaginário religioso tornou-se também uma medida bastante eficaz. Por meio de santinhos e do Horário de Propaganda Eleitoral Gratuita, candidatos a prefeito e vereadores utilizaram inúmeros recursos de persuasão, sobretudo os ligados à emotividade e, por conseguinte, à religiosidade. Exemplo marcante foi a fala, no horário de propaganda eleitoral, do candidato a vice-prefeito que resgatou a nossa tradição ibérico-católica e enfatizou sua viagem a Santiago de Compostela onde, por meio da emoção, tentou a persuasão do eleitorado, em busca de seu sucesso nas eleições. Assim, o candidato relatou:



Eu vi gente pedindo para ganhar na loteria, para arranjar um bom emprego, para passar num concurso, pedindo tudo. E aí eu pensei: o que eu quero? (...)². Naquela hora só consegui me ajoelhar e agradecer a Deus por tudo o que eu recebi. O tempo passou e eu fiquei ali chorando, as lágrimas rolando sem parar pelo meu rosto. Ali eu fiquei muitas horas e compreendi que a melhor forma de agradecer era dar mais de mim ao meu próximo. Aquele momento foi decisivo para que eu aceitasse a candidatura (grifo nosso).

Objetivando justificar sua candidatura, o candidato, dizendo-se emocionado, considera-a como inspiração divina. Apoiando-se na tradição católica brasileira e no misticismo do Caminho de Santiago de Compostela, ele procura convencer o eleitor por meio da fé, do sofrimento e da esperança, de que, mais que um cargo político, se eleito, ele estará realizando uma missão. Utilizando deste recurso de proximidade, propiciado pelo discurso político-religioso, o candidato segue em direção ao seu grande objetivo, que é o voto. Apoiado na tradição cristã e o fato do candidato apresentar-se como detentor de uma grande fé, o político passa a ser visto como “bom” candidato. Neste sentido, a Carta do Rei de Portugal ao capitão geral da Bahia em 1600, citada por Olga Tavares (1998), aponta que “a Religião dada por Deus ao homem para sua consolação é, sem dúvida, o melhor e mais seguro meio de conservar a tranquilidade e a subordinação necessária entre os povos” (Tavares, 1998, p. 40).

Ainda com relação aos recursos de manipulação política do imaginário montesclarenses por meio da campanha televisiva, destaca-se que no Horário de Propaganda Eleitoral Gratuita um dos candidatos a prefeito, na abertura de seu programa, mostra uma menina em frente a um computador com a imagem da catedral de Montes Claros ao fundo, em seguida a imagem da Igreja gradualmente transforma-se no número do candidato. Em umas das possíveis interpretações desta imagem, entendemos o candidato destacando-se como religioso e interligando seus ideais eletivos à religiosidade, ou melhor, a religiosidade a seus objetivos políticos. Neste contexto, o político faz com que suas diferenças com o eleitorado se anulem, enfatizando uma semelhança, o fato de serem em Deus, sobretudo sendo todos cristãos. A partir de então, o eleitor sente-se mais próximo e mais confiante e suas esperanças são depositadas no candidato que, como “bom cristão”, poderá cumpri-las.

² Momento em que o candidato à prefeitura de Montes Claros se emociona, chegando às lágrimas no decorrer do discurso.



O BEM E O MAL: A GUERRA SANTA NAS RELAÇÕES
ENTRE RELIGIOSIDADE E POLÍTICA NO MUNDO E EM
MONTES CLAROS-MG

ALESSANDRO DE ALMEIDA
EDWIRGENS APARECIDA RIBEIRO LOPES DE ALMEIDA

Outros recursos de propaganda extremamente interessantes para nossa pesquisa foram os santinhos e panfletos distribuídos nas eleições. Nos santinhos ressalta-se apelos evidentes à religiosidade, bem como a utilização de provérbios bíblicos, como uma espécie de código pessoal de boa conduta. Observe alguns deles nas imagens 01 e 02:

Imagens 01 e 02 – Santinhos políticos com mensagens religiosas

“Quando os justos
governam,
alegra-se
o povo,
mas quando o ímpio
domina,
o povo geme.”

Provérbios 29:2

Para Vereador

Nº 22.699 - PL

do Gáz 36 06
PRN

*do Gáz, é evangélico
e Dirigente da Igreja
Pentecostal "Só Jesus Salva".
Sua esposa é organista da
Congregação Cristã do Brasil.
Sua proposta de trabalho
como vereador será uma ação
contundente contra os vícios
e as drogas.
"Com o Povo de Deus se
formará uma nova geração"*

Fonte: Dados da Pesquisa

Percebe-se que no santinho à esquerda, por meio de um provérbio, o candidato coloca-se como “justo” e inspirado por Deus para salvar seu povo. Este candidato estaria enquadrado no que Raoul Girardet, em *Mitos e mitologias políticas*, chamou de mito do salvador, sobretudo no que diz respeito ao profeta que utiliza-se do sagrado e invisível para assegurar o poder político. No segundo santinho, o da direita, o candidato esclarece ser evangélico e, em seguida, coloca sua religiosidade de modo abrangente apresentando sua esposa como membro da Congregação Cristã do Brasil. Neste momento ele intenta o apoio tanto de seus “irmãos” da Igreja Pentecostal, quanto dos demais cristãos que valorizem a família (minha esposa) e as atividades contra vícios e drogas. Destacado seu atestado de “boa índole”, ele convoca o “Povo de Deus” para um futuro melhor, sobretudo de seus filhos que pertencem à “nova geração”. Nos dois santinhos, evidencia-se os recursos religiosos e emotivos, sobrepondo-se a propostas políticas concisas, objetivas e viáveis.

Enfocando os panfletos, ainda na campanha eleitoral montesclarensense, destaca-se o apoio explícito de padres, líderes de pastorais, comunidades religiosas e do próprio bispo a determinados candidatos. Observemos:

Imagem 03 – Panfletos políticos com apoio de líderes religiosos

**NÓS APOIAMOS E INDICAMOS O PARA
VEREADOR**

Procurai antes entre vós irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito Santo e de sabedoria, e nós o encarregaremos desta tarefa. At- 6.3

Hoje o povo de Montes Claros é também chamado para com sabedoria escolher pessoas que possam, representa-lo, frente ao poder legislativo.

Conheço como família, como amigo, como Igreja, é por isso que eu, **Padre Marco Antônio Simões, peço seu voto e de sua família, por ele.**



Padre Marco Antônio Simões
Paroquia Menino Jesus de Praga.

é um Norbertino. E todo Norbertino é comprometido com a palavra de Deus, as atividades comunitárias, a eucaristia e a oração. **Eu Padre João Batista** tenho plena certeza que o vai dar testemunho destes valores na sua vida política, contribuindo muito para a transformação da sociedade. **Vote em no dia 1º- de outubro.**



Padre João Batista Souza Lopes
Paroquia de São Norberto

Jesus é o caminho verdade e vida. Seguindo o seu exemplo apoio meu amigo como um bom caminho para uma cidade mais humana. é verdadeiro em suas convicções políticas, e conduzirá muitas pessoas a uma vida digna, principalmente aquelas pessoas que foram esquecidas pelos atuais políticos. Ele é cristão cidadão preocupado com o bem do próximo; Eu aprovo e apoio o amigo, e **Peço o voto de confiança e de Fé, seu e de sua família para renovar a câmara municipal.**



Padre Cícero Leonardo Silveira Lima
Paroquia Nossa Senhora de Fátima

VOTE
UM VOTO DE FÉ PARA RENOVAR

- PHS

Reze uma Ave-Maria por mim e minha missão

Fonte: Dados da Pesquisa



Percebe-se que depois da participação política efetiva dos padres pela eleição do candidato a vereador, existe a legitimação do apoio por meio das assinaturas, além do candidato afirmar-se como católico e cristão pedindo ao eleitor que reze por ele e, principalmente, pela sua missão. Portanto, os padres participam da construção da figura messiânica do candidato que, aparecendo como salvador e envolto em religiosidade, aproxima-se do eleitorado montesclarensense em busca do voto.

Entendemos que na atualidade é fato que “às disputas eleitorais, numerosos são os exemplos reveladores de uma ‘política do belo canto’, favorecendo a sedução em detrimento da política de convicção que orientara toda a vida social dos tempos modernos” (Maffesoli, 1997, p. 123).

Obviamente, deparamo-nos, na eleição em análise, com inúmeros outros recursos e temos ciência de que para muitos indivíduos o recurso religioso pode não ser importante. Porém, hoje sabendo que o candidato a prefeito eleito em Montes Claros nas eleições do ano de 2000 obteve o mesmo êxito do presidente norte americano em sua guerra contra os iraquianos e em sua reeleição, concluímos que os recursos utilizados não se assemelham por mero acaso. Posicionar-se como um guerreiro do “Bem” é uma estratégia que encontra ressonância nos sentimentos humanos, especialmente entre aqueles que se esquecem que o direito à dignidade da cidadania é uma conquista do povo consciente da seriedade dos candidatos que elegem. Ademais, a luta pela cidadania do povo é dever de todos os seus representantes políticos, sejam eles religiosos ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre política e religiosidade revelam-se como elementos centrais na construção e manutenção do poder ao longo da história, marcando desde sociedades tradicionais até os regimes democráticos contemporâneos. Neste artigo, discutimos como esses entrecruzamentos moldam líderes carismáticos, mobilizam o imaginário coletivo e legitimam narrativas políticas que dialogam diretamente com as emoções e crenças da população.



No contexto global, analisamos a instrumentalização do discurso religioso como ferramenta política, exemplificada pela estratégia de George W. Bush ao justificar a guerra contra o Iraque. Localmente, observamos como essas mesmas dinâmicas se reproduzem em realidades específicas, como em Montes Claros, onde candidatos utilizam recursos simbólicos e religiosos para estabelecer conexões emocionais e persuadir o eleitorado. A análise dos discursos, propagandas e materiais de campanha eleitoral revela que o apelo ao imaginário religioso é mais do que uma estratégia de comunicação; trata-se de uma forma de reafirmar laços comunitários e promover um senso de unidade em sociedades marcadas pela fragmentação.

Autores como Bronislaw Baczko (1984), Pierre Ansart (1983) e José Murilo de Carvalho (1998) fornecem bases teóricas valiosas para compreender como o manejo do imaginário social, sustentado por elementos religiosos, possibilita a consolidação do poder político em diferentes épocas. Na contemporaneidade, esse manejo assume novas formas, amplificadas pelas tecnologias e pela propaganda audiovisual, mas permanece enraizado em práticas ancestrais de manipulação simbólica.

Concluimos que o uso político da religiosidade, ainda que legitimado por contextos específicos, carrega consigo desafios éticos e democráticos. Por um lado, possibilita uma conexão emocional poderosa entre líderes e eleitores; por outro, pode obscurecer o debate racional e a avaliação crítica de propostas concretas. Assim, cabe à sociedade refletir sobre os limites e impactos dessa relação, buscando um equilíbrio que respeite a pluralidade e garanta a cidadania enquanto princípio democrático fundamental.

Este estudo contribui para ampliar o debate sobre as implicações das interações entre política e religiosidade, destacando a importância de compreender as práticas de persuasão e legitimação no cenário político. Esperamos que estas reflexões possam servir como ponto de partida para novas investigações que desvendem as complexidades dessas relações em diferentes contextos e temporalidades.



REFERÊNCIAS

Fontes:

- Fita gravada com o Horário de Propaganda Eleitoral Gratuita, das Eleições 2000 no município de Montes Claros/MG.
- Panfletos e os populares “santinhos” (totalizando 28 unidades), recolhidos no período das Eleições 2000, em Montes Claros/MG.
- *Revista Veja*. “George W. Bush, o procurador de Deus”. Ensaio de Roberto Pompeu de Toledo. n. 10, março de 2003, p. 114.

Referências Bibliográficas:

- ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.
- BACZKO, Bronislaw. **Les imaginaries sociaux**. Paris: Payot, 1984.
- CARVALHO, José Murilo. **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**. n. 11, v. 5, 1991.
- GARCIA, Nelson Jahr. **O que é propaganda ideológica**. 9ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2ª. ed. São Paulo: Papirus, 1986.
- MAFFESOLI, M. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- TAVARES, Olga. **Fernando Collor – o discurso messiânico: o clamor ao sagrado**. São Paulo: Annablume, 1998.

Recebido em: 29/07/2024 | Aprovado em: 10/12/2024